

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envolvi-fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

17 de Julho de 1999 • Ano LVI - N.º 1444  
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa  
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

## O Ano Escolar

**T**ERMINOU já, mas não o turbilhão das indecisões que pesam sobre os que mudam de ciclo, uns pouco seguros do que querem, outros porque não acham a resposta desejada no mercado escolar que se lhes depara. Na verdade as ofertas a partir do 6.º ano são escassas. É prejuízo. Porque afinal perante a dificuldade de muitos conseguirem cortar a meta do 9.º ano obrigatório, vão-se ensaiando já nonos anos com currículos alternativos de pendor profissionalizante. É um remedeio precipitado que, se fora projectado ao longo dos três anos do 3.º ciclo, teria sido

muito mais sério e eficaz. Vamos ter dois rapazes envolvidos nesta experiência. E outros dois, depois de fracassarem no 7.º e 8.º sem prognósticos favoráveis, vão regressar ao 6.º feito para recomeçarem caminhada profissionalizante dentro do tal espectro escasso que têm diante de si. Anos que se desperdiçam sem proveito para ninguém!

De resto, estatisticamente, nem temos muito de que nos queixar. Dos dezoito que estudam no Porto, só os dois acima mencionados reprovaram. Do 2.º ciclo, os do 6.º ano passaram todos e dos catorze do 5.º, ficaram três retidos, com inteira

culpa própria já que capacidade lhes não falta, graças a Deus.

Na Primária, exceptuando as primeiras classes em que parece adensar-se, ano após ano, uma *casca grossa* que tem de sair para o saber entrar (será defeito dos miúdos ou dos métodos?...!), os resultados também não foram maus. Da 3.ª para a 4.ª não transitaram três. Dos que concluíram o 4.º ano, quatro, porque capacidade e gosto não abundam e a idade o permite, esperamos que possam frequentar o Ensino Recorrente que há dois anos temos entre nós, aberto às freguesias em redor — e oxalá perdure.

Se números fossem o nosso alimento, pois tudo estaria bem! O problema, porém, não é de quantidade mas de qualidade. Preocupa-nos uma Escola que pouco informa e ainda menos forma. Pelo menos que não tem poder de resistência proporcionada às forças de deseducação que nos envolvem. O liberalismo desenfreado que reina não é apenas um fenómeno da área da Economia, embora os interesses do dinheiro estejam latentes em todas as suas formas. E por isso invade todos os ambientes do Homem, mediante meios de comunicação de que tantas vezes parece ser o princípio dinamizador e o objecto final: o dinheiro. Ele é a *droga-mãe* de todas as drogas — e tal como elas vai demolindo o ser

Continua na página 4

**É** bem verdade que tudo começou como um desafio. Tendo terminado o meu ano de postulante, o meu formador convidou-me a fazer uma experiência na Casa do Gaiato.

Para mim, partilhar a vida com os rapazes da rua seria um desafio de amor. Senti que isso me dizia respeito e não me contive. Nesse ano de 1992 estive aqui dois meses. Vivi e convivi com todos. Trabalhei com os rapazes em casa, na fazenda e na escola. Envolvi-me tanto na vida deles, escutei as suas histórias e tudo me marcou muito. Ouvindo tudo o que eles diziam, entendi que, embora tenham sofrido muito na vida, eles estão cheios de vida e com muita vontade de crescer. Gostei muito da sinceridade ao falarem das suas vidas e dos seus sonhos. Foi uma experiência muito bonita que marcou a minha vida.

Daf para a frente a Casa do Gaiato esteve sempre, e cada vez mais, dentro de mim. Durante as férias dividia o tempo entre a Ordem dos Servos de Maria, que me acolheu desde 1990, e os rapazes daqui; e sentia um apelo do Senhor, cada vez mais forte, a doar a minha vida ao serviço deles. Coloquei tudo o que sentia nas minhas orações. Entendi que, se queria juntar-me à Obra da Rua, teria de me despedir da Congregação. Aprendi que quando se trata de vocação, tem que se sofrer, esquecer tudo e escutar somente a voz de Deus e tentar entender o que Ele quer de nós. Pedi muito para que Deus me mostrasse a melhor maneira de O servir, pois também não queria magoar quem estava na minha caminhada de formação e a quem tanto devia. A pouco e pouco Ele foi-me direccionando para a Obra da Rua. Acredito no amor de Deus e acredito que Ele me chama a esta missão.

Decidi falar com os meus superiores acerca do meu desejo. No dia vinte de Janeiro fui dispensado da Congregação e entrei para a Obra da Rua.

Agora, seis meses depois, a Casa do Gaiato, do sonho deu lugar à Casa do Gaiato real e o desafio começou a exigir. Para mim, ontem era um sonho, talvez ainda uma ilusão. Hoje, é uma parte de mim mesmo, uma descoberta do que sou e do

## A Casa do Gaiato — um desafio

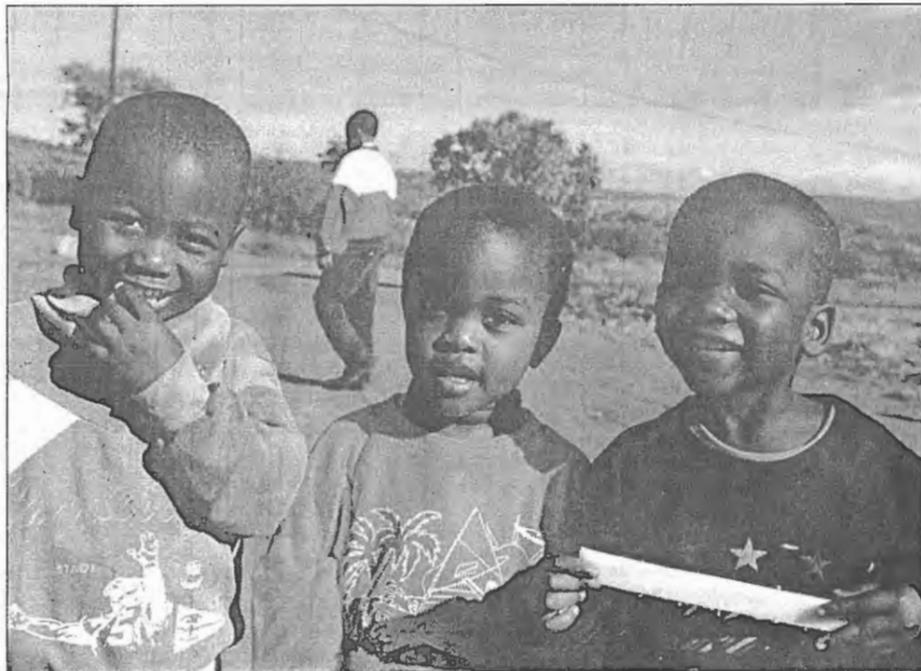
que Deus quer de mim. A coragem para tal decisão fez-me sentir a firmeza de alma e o verdadeiro sentido da minha vocação.

Manuel Custódio Langane

*N.R. — O Manuel Custódio é um dom que Deus guardou até agora e vem alentar a nossa esperança na continuidade da Obra em Moçambique. Quantos dons semelhantes*

*não nos estará guardando Ele que sabe como ninguém a necessidade de obreiros que a Obra tem. Só que os tempos d'Ele não são os nossos; e o que a nós parece urgência inadiável, é para Ele algo de que ainda não chegou a hora. Temos de crer nela e de a merecer, aprendendo a esperá-la.*

*Se Deus quiser, o Manuel Custódio será ordenado no próximo ano para o serviço do Povo de Deus na e pela Obra da Rua.*



Envolvi-me tanto na vida deles, escutei as suas histórias e tudo me marcou muito!

### BENGUELA

## Mortalidade infantil

**S**ABEMOS o que queremos. Sabemos para onde vamos. São passos lentos o nosso caminhar. Hoje, demos início ao trabalho com os bebés até à idade de três anos que os outros já estão acompanhados. Fizemos uma adaptação num pequeno edifício. Antes, era o ninho dos pintos. Hoje, começou a ser o ninho «dos pintinhos» bebés. É uma experiência. Quem nos dera ver este serviço em todos os bairros que ladeiam a cidade. Mas não é assim.

É uma iniciativa pequenina, mas à nossa medida. Muito importante para nós e para as mães destas crianças. Não me importo que seja insignificante. É muito grande no amor da Teresa por estas crianças e da Eugénia e de mais alguém. Isto é o que conta. Não é obra de fachada, isso não. Tenho a consciência de estarmos a atingir o mal na raiz. Se queremos construir ou reconstruir, temos de descer ao alicerce. Pode-se fazer muito com o pouco.

A mortalidade infantil, em Angola, é das mais elevadas em todo o mundo. As crianças, em maioria, nascem «ao deus dará», crescem e morrem do mesmo modo. São precisas fogueiras a irradiar o calor de humanidade que dá pelo nome de Caridade, Justiça e Verdade. Não se trata de grandes coisas, mas de focos de luz e calor muito intensos que cheguem às pessoas, no seu meio. É a maneira de estarmos presentes, cada vez mais, com eficácia, em nossa ajuda. Sim, estar perto, partilhar o tempo e os bens, tornar-se amigos — é descobrir modos eficazes de ajuda. Pode faltar a competência técnica que vem dos cursos em Escolas e Universidades para lutar contra as causas geradoras da desgraça em que vive o nosso povo. Não nos falte, porém, o compromisso de sermos amigos dos mais pobres e miseráveis; de participarmos das suas inseguranças; de nunca nos envergonharmos de sermos dos seus. Sei que temos que fazer um esforço muito grande para sentirem que estamos de alma e coração com eles.

**O**NTEM, foi dia de festa muito grande para a Igreja diocesana de Benguela. Nasceram, pela ordenação sacerdotal, vinte e três Padres. Estive lá. Ao contemplar a abundância de dons feita à

Continua na página 4

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**OS SEM-CASA** — A mulher e os filhos emigraram... E o pobre homem, natural desta Região, ficou só — no reino dos sem-casa!

Ele é doente. Sofre de diabetes e, recentemente, foi operado a outra malta: — *Dá-me licença...? Mostra a cicatriz!*

O caso chegou até nós por um familiar que o ajuda como pode e sabe.

— *Poderiam conseguir um abrigozinho, uma casa p'ra ele se acolher? É um parente nosso que poderia ficar mais perto de nós todos.*

Ao que a gente vê, hoje há famílias (sempre houve...) que procuram ver os seus mais seus longe, muito longe...!

Dias depois, e sem a gente contar, o Pobre aparece à nossa frente pela mão do seu familiar: — *Aqui está...!*

Mostra, então, um *atestado de pobreza* (ainda é usado nos domínios oficiais) confirmando tudo o que nos disse — o seu calvário.

— *Eu posso ficar, hoje, já aqui...!? Vivo numa barraca...! Eles (os seus parentes) querem tratar de mim...*

Tínhamos uma casa devoluta, do Património dos Pobres; a das *«Mulheres Portuguesas de Bumba, ex-Congo Belga»*. Como se fosse hoje, lembramos a entrega do seu valor simbólico a Pai Américo, na cidade de Leopoldville.

Nessa viagem ao continente africano, no ano da graça de 1952, a mensagem que transmitiu da sua alma, do seu coração, a toda a gente, com a Força dos Apóstolos *daquele tempo*, nas igrejas, nos meios de comunicação social, nos cinemas, etc., foi o Património dos Pobres — o problema dos sem-casa.

Já procedemos à reparação da moradia: caiação, pintura, um novo quarto de banho com chuveiro e *polivan*, etc. A obra custou quatrocentos contos!

— *Vou ter um chuveiro...!? Ai que bom...!*, disse, lambidinho por sua nova casa.

Ficámos felizes com a reacção do homem, pois nem sempre acontece deste modo no mundo dos abarracados. Que o diga quem trata deles, com acções de formação específica...

**GRITO DOS POBRES** — Na viagem à Polónia, seu país natal, João Paulo II dirigiu mais um veemente apelo a todo o Mundo sobre a urgência da ajuda aos Pobres:

*«Há coisas na vida tão urgentes e tão graves que não devem ser deixadas para amanhã. O grito dos Pobres do Mundo inteiro eleva-se sem cessar sobre esta terra para chegar a Deus. É um grito de crianças, mulheres, velhos, refugiados, vítimas da guerra (...), de sem-abrigo, de mendigos, de gente com fome, esquecidos dos seus próximos e pela sociedade, humilhados e vítimas de torturas.»*

*«Há coisas na vida tão urgentes e tão graves que não devem ser deixadas para amanhã. O grito dos Pobres do Mundo inteiro eleva-se sem cessar sobre esta terra para chegar a Deus. É um grito de crianças, mulheres, velhos, refugiados, vítimas da guerra (...), de sem-abrigo, de mendigos, de gente com fome, esquecidos dos seus próximos e pela sociedade, humilhados e vítimas de torturas.»*

**PARTILHA** — Por vale de correio, dez mil, de *«uma portuense qualquer»* — que por aqui passa, há muitos anos — agora com *«migalhinha referente a Julho e Agosto»*, disse.

Três mil, habituais, da *«avó dos cinco netinhos»*, de Setúbal.

O assinante 11171, do Porto, discípulo na antiga Escola Comercial Mouzinho da Silveira, está presente para *«ajudar às necessidades mais prementes, com um grande abraço»*, já retribuído.

Ponte de Sor: *«Pequena migalha para os fins convencionais»*, do assinante 59467. Cinco mil, da assinante 66345, de Coimbra. Assinante 50945, de Braga, manda cheque para O GAIATO *«e o restante destinado aos mais carenciados»* com um *«bem haja pela vossa entrega à causa dos Pobres»*. Mais 5.000\$00, da assinante 541, de Almada.

Assinante 6313, da Régua, cinquenta mil, *«para aplicarem como entenderem»*.

Uma Beatriz, de algures, com um cheque *«para o que mais necessitem. Não quero recibo nem agradecimento, pois o saber que posso ajudar alguém já me compensa. Oxalá eu tenha sempre condições para o fazer e Deus ilumine os meus filhos para pensarem também nos Outros, da mesma forma»*. E anda o mundo à procura de pedagogias, quando a melhor é dita por esta Mãe cristã — que testemunha!

Leiria com cinco mil, numa carta que *define* a Família cristã: *«Venho em nome de minha Mãe, assinante 47307, enviar uma pequena lembrança para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, que empregareis numa primeira necessidade. Apenas uma gotinha de água no mar inencho das necessidades que acolheis»*.

*«Uma assinante de Paço de Arcos»* marca a habitual presença *«com a partilha de Março/Abril e saudações fraternas»* — que retribuímos.

Porto: Dez mil, da assinante 60788, *«pequeno contributo para onde for mais necessário — e segundo os vossos critérios. Bem hajam por nos lembrarem as necessidades dos Pobres»*.

Assinante 63041, de Fornos de Algodres, salda contas d'O GAIATO e *«o pouco que vai a mais é uma gota no Oceano, mas aceitem a minha boa vontade com as pobres orações do dia-a-dia»*. Já não é pouco!

As Viúvas estão no coração dos nossos Leitores!: Trinta mil, do assinante 10670, de Ermesinde. Quarenta, da assinante 55684, de Paço de Arcos: *«Não é porque seja rica. Vivo da pensão de reforma»*. Cinco mil, de Braga, com uma indicação generalizada: *«Desejo animato»*. Assinante 58717, do Porto: Põe as contas d'O GAIATO em ordem e *«o restante para uma das Viúvas*

*referidas numa última edição do Mensageiro que leio sempre com toda a atenção»*. Mais um resto d'assinatura do *«Famoso»* para a conta da farmácia. E outro cheque, do assinante 48250, de Lisboa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO*, 4560 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## TOJAL

**BAPTISMOS E COMUNHÕES** — Como já é hábito, uma vez mais, em nossa Casa, uns foram baptizados, outros receberam a primeira Comunhão.

Um dia bem passado. Ao meio-dia foi celebrada a Eucaristia. Depois, toda a comunidade se dirigiu para o refeitório tendo comido um delicioso almoço.

O resto da tarde foi bem passado na piscina, outros em conversa com os convidados.

**PISCINA** — Abriu, finalmente. Demos uns bons mergulhos! Por enquanto, tudo tem corrido bem. Esperamos que assim continuem.

**FÉRIAS** — Estão próximas as férias de Verão em nossa casa de praia. Aumenta o desejo de irmos para lá. São grandes os murmúrios, entre os rapazes, com a curiosidade de saberem em que grupo estão incluídos.

**FENO** — Está cortado e praticamente enfiado. Só nos resta esperar que as obras do palheiro terminem para podermos arrumar a palha que servirá de alimento às vacas ao longo do ano.

**CARAS NOVAS** — Reccebemos mais quatro novos gaiatos. O Carlos Águas e o André Rocha, ambos de doze anos, o Edilson, de nove anos e o seu irmão Ceton Johnny, de cinco anos. Esperamos que se adaptem ao novo estilo de vida que aqui vão encontrar.

**AGRICULTURA** — Já apanhámos a batata praticamente toda. Foi um ano de boa colheita.

**FRUTA** — Os diospireiros continuam a crescer a bom ritmo. Colhemos algumas ameixas que nos ofereceram boas sobremesas e as pêras também se preparam para serem colhidas.

**OBRAS** — Junto do nosso parque estão a construir um viveiro de pássaros. E temos quem nos ofereça algumas rolas e periquitos.

Arnaldo Santos



Alguns «Batatinhas» de Paço de Sousa

## PAÇO DE SOUSA

**FÉRIAS** — São já em nossa casa de Azurara. Estão, agora, lá, não só antigos gaiatos, mas também um grupo de rapazes da nossa Aldeia de Paço de Sousa, à volta de quarenta, mais a menina Preciosa, a D. Manuela e a D. Maria Fernanda que tomam conta dos «Batatinhas».

**ÁFRICA** — O nosso Padre Carlos vai dar férias ao sr. Padre Telmo para que se recomponha de todo o esforço dispendido na manutenção da nossa Casa do Gaiato de Malanje, cuja comunidade está perto da guerra...!

**FESTAS** — Fomos fazer uma festa muito simples a V. N. Gaia, no dia 27 de Junho. No fim, houve outro *espectáculo*: muitos doces, uma merenda muito saborosa! O grupo de cavaquinhos é que ordenou o programa e a merenda.

**PISCINA** — Já está limpa e a encher. Alguns sonham dar uns mergulhos nas tardes quentes de Verão...

**EXCURSÃO** — Agora, a maior parte delas são de escolas e colégios. Também de pessoas idosas. Nós gostamos que nos vejam. E, também, que os nossos Amigos se interessem pela nossa Obra.

**BATATA** — A sementeira está com a rama grande! Quando o primeiro turno chegar da praia, será ele que vai apanhar o rico tubérculo.

Luís Ângelo

## MIRANDA DO CORVO

**CATEQUESE** — A Catequese da paróquia de Miranda do Corvo chegou ao fim. A Missa teve lugar no nosso salão de festas porque vieram participar nela centenas de pes-

soas acompanhadas dos seus filhos. Foi um grande dia de festa e de convívio.

**BAPTISMO** — Foram baptizados mais cinco rapazes: Ruben, Fábio, Sérgio, Tiago e Marco.

Nos dias anteriores andavam muito felizes porque iam entrar na grande família de Deus e iam receber a Luz que iluminará a caminhada ao longo das suas vidas.

**PRIMEIRA COMUNHÃO** — Enquanto decorria a nossa cerimónia de Domingo, e o santo Baptismo, também três rapazes se preparavam para receber o Corpo de Cristo. Andavam muito contentes por irem receber a Comunhão que os purifica das suas maldades. Animação da cerimónia por um grupo de jovens de Rio de Vide e de um pequeno grupo dos nossos rapazes.

**PISCINA** — Foi lavada e já está cheia de água. Ontem à tarde, como estava muito calor, a malta deu uns mergulhos para se refrescar.

Gostaram de ir à piscina, mas o pior foi quando o chefe disse para saírem. Ficaram tristes, mas haverá ocasiões oportunas.

**VISITAS** — Temos recebido muitos visitantes, de vários lados. A maioria, jovens que vêm conhecer a nossa vida, a nossa Obra. Poderão passar o testemunho a outros seus companheiros. Agradecemos por terem vindo.

**AGRICULTURA** — O milho e a batata continuam a crescer. Um grupo de rapazes foi cortar a folha das batateiras. O cebolo e as couves estão desenvolvidos e o feijão vai crescendo dia-a-dia.

João «Pequeno»

### COLEÇÃO

#### EDITORIAL DA CASA DO GAIATO

Volumes da autoria de Pai Américo:

1. PÃO DOS POBRES 1.º volume (5.ª edição)
2. PÃO DOS POBRES 2.º volume (5.ª edição)
3. PÃO DOS POBRES 3.º volume (4.ª edição)
4. PÃO DOS POBRES 4.º volume (1.ª edição)
5. OBRA DA RUA (4.ª edição, actualizada)
6. ISTO É A CASA DO GAIATO 1.º volume (3.ª edição)
7. ISTO É A CASA DO GAIATO 2.º volume (2.ª edição)
8. BARREDO (2.ª edição — nova recolha e selecção de textos)
9. OVO DE COLOMBO (2.ª edição)
10. VIAGENS (2.ª edição — reordenada e aumentada)
11. DOCTRINA 1.º volume (2.ª edição — aumentada)
12. DOCTRINA 2.º volume (1.ª edição)
13. DOCTRINA 3.º volume (1.ª edição)
14. CANTINHO DOS RAPAZES (2.ª edição)
15. NOTAS DA QUINZENA
16. DE COMO EU FUI...
17. CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

Volumes de outros Autores:

18. SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO DO PADRE AMÉRICO João Evangelista Loureiro
19. CALVÁRIO (3.ª edição — reordenada e aumentada) Padre Baptista
20. A PORTA ABERTA PEDAGOGIA DO PADRE AMÉRICO — MÉTODOS E VIDA (2.ª edição) Obra compilada por Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte
21. O LODO E AS ESTRELAS (3.ª edição — aumentada) Padre Telmo Ferraz
22. ESBOÇO DE CRONOLOGIA DA VIDA DO PADRE AMÉRICO Manuel Mendes
23. UM GRANDE EDUCADOR PORTUGUÊS DO SÉCULO XX João Evangelista Loureiro
24. PADRE AMÉRICO — MÍSTICO DO NOSSO TEMPO Padre José da Rocha Ramos

## TRIBUNA DE COIMBRA

# É belo ver a felicidade dos miúdos!

Os mais pequeninos já «voaram» até à praia de Mira. Vão de encontro ao sol e ao mar. O sol e o mar são grandezas que enchem de encanto e mistério a alma das crianças. Os dias ali passados são inolvidáveis: rompem a monotonia do calendário e abrem caminho à novidade. Isto, com eles e connosco. Para alguns é o primeiro encontro com o mar e sua imensidão — sendo eles «filhos» do oceano. A interioridade tem o peso das montanhas e a proximidade não se faz só com discursos. O João Pedro e o Francisco, filhos da Beira Interior, só conheciam o «mar da televisão».

Com eles, a tomar conta, o Manelzito e a senhora Mabília. Ambos dedicados ao longo dos outros dias à mesma «obrigação», não fazem folga, ainda.

Se é belo ver a felicidade dos miúdos...! É ainda mais reconfortante contar com esta disponibilidade, activa e discreta. Como estamos tão distantes de gente cheia de predicados em matéria de pedagogia e outras afins...! Eles só precisam de uma mão cheia de amor. Um amor inteligente, desinteressado, sem dúvida. Um amor que liberte e abra caminhos aos verdadeiros valores da vida. Esse, o amor dos pais.

Mas este amor disponível precisa do toque de Deus. E Deus não pára de bater à porta de tantos corações. Que muitos outros corações se abram. É imenso o mar de apelos e carências que nos envolve!

Padre João



Os mais pequeninos já «voaram» até à praia de Mira

## Cartas

### Dupla função: agradecer e felicitar

«Esta simples carta tem uma dupla função: agradecer e felicitar.

Agradecer, pelos ensinamentos, ilustrações e demonstração do muito do supérfluo que povoa a nossa vida, através da leitura atenta do vosso Jornal.

Felicitar, todos aqueles, 'Padres da Rua', senhoras e demais pessoas que devotam as suas vidas em prol dos mais desfavorecidos, demonstrando cabalmente que o que é verdadeiramente importante é a conjugação prática do conceito de fraternidade e de liberdade em permanente partilha de amor fraterno.

Tenho inveja dessa vossa liberdade, desse vosso desapego do fútil, daquilo que povoa tanto as mentes actuais como sejam as materialidades, os consumismos, os 'egoísmos', o 'sucesso', o 'poder e a glória', sabendo nós que todos estes itens são conseguidos na maior parte das vezes pelo espepinamento dos mais 'fracos', dos 'menos capazes'.

Nunca visitei a vossa Obra, o contacto humano que tenho tido é através dos vossos 'embaixadores' que quinzenalmente entram na

instituição onde trabalho, com a subtilidade de quem sabe entrar e a educação com que sabem receber os vossos rapazes.

Estou convicto de que é por manifesto desconhecimento ou esquecimento da realidade deste nosso País, que os nossos governantes, até ao momento, ainda não fizeram a 'Expo' dos sem-abrigo, dos mendigos, de todos aqueles que vivem em condições sub-humanas e estão marginalizados e que precisam de ajuda urgente. É por isso que lhes pediria que o donativo anexo fosse também para que o vosso Jornal seja enviado quinzenalmente ao Primeiro-Ministro bem como aos Ministros da Educação e da Solidariedade.

Assinante 66931»

### Noções de como governar o País

«Com votos de boa saúde para poderem governar esse enormíssimo barco que é a Casa do Gaiato, junto um cheque para O GAIATO durante o ano de 1999.

Todos os governantes deviam ter na sua mesa de trabalho além dos jornais diários também O GAIATO para tirarem dele as melhores noções de como governar o País, especialmente no que respeita à Educação.

Assinante 33202»

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

# Notícias dos nossos dias

A Televisão, Rádio e Imprensa têm dado grande espaço à notícia dos que são mais ricos no nosso tempo, do negócio que têm feito alguns Bancos e do perdão que o grupo dos países mais industrializados deu ao Terceiro Mundo, perdoadolhe um quarto da dívida externa. Não somos a desfavor dos ricos e seu perdão, nem dos Bancos com seus negócios, mas sentimos darem demasiada importância àquilo que nos parece secundário, embora muitos o considerem primário. Não podemos deixar de dar lugar e valor à pessoa humana. O homem é o maior valor.

Temos contactado e vivido com os Pobres e estes são a grande porção da Humanidade; grande parte passa fome e muitos acabam por morrer, como consequência dela; outra grande parte trabalha e ganha, mas o ordenado ou é o mínimo, ou não chega para o acolchoado da família; só outra parte ganha o suficiente para levar uma vida normal e ainda consegue amealhar alguma coisa; outros conseguem enfiar e ensacar aquilo que devia ser para os necessitados; há ainda os grandes ricos e estes parecem ser admirados e aplaudidos. O patrão português dos quatrocentos e sessenta e cinco mais ricos do mundo tem uma fortuna de trezentos e sessenta e seis milhões de contos. Parece-nos escandaloso na sociedade que deve ser fraterna!

Humanidade está condenada a encher os lucros dos chorudos; só os endividados são mais de quarenta países; grandes potentados a quem se entregou a mão-de-obra pouco mais que escrava. Estamos a constatar o encerramento de empresas de muitos países, deixando os empregados na rua para outras nações onde a mão-de-obra é muito mais barata.

Sabemos já que nada disto muda porque os mais industrializados continuarão a fomentar a ordem económica que criou tal situação. Os mais ricos continuarão a impor e a fechar fronteiras.

Temos o testemunho da Argélia onde muitos foram beber o gás natural. Está mergulhada no caos. A maior parte dos jovens, desempregada e sem esperança de emprego.

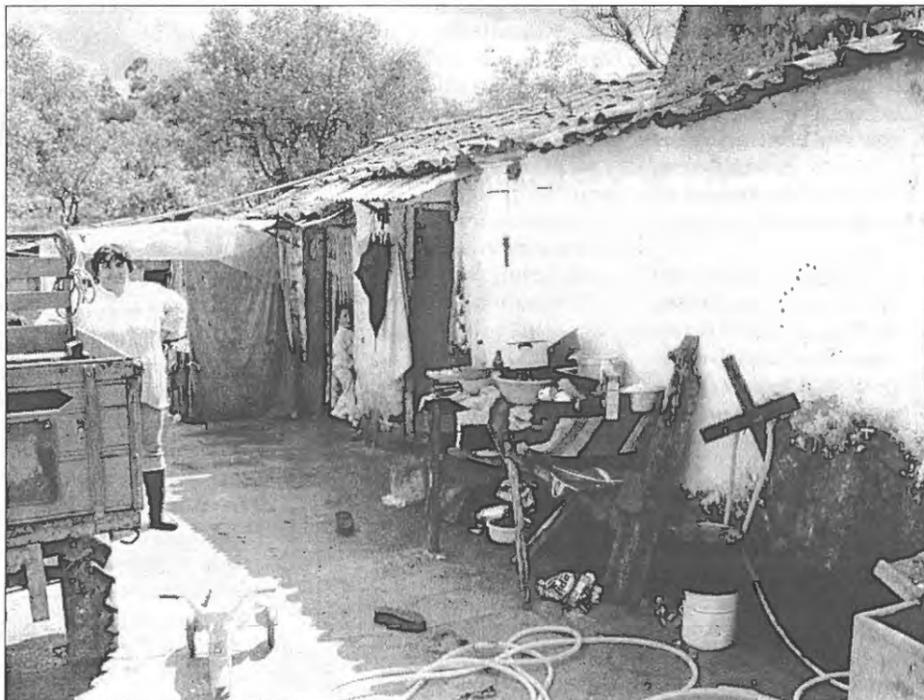
Sabemos que em Angola há um milhão de pessoas a morrer à fome,

estando em Luanda quinhentos mil refugiados e os géneros alimentícios a acabar e a Imprensa pouco ou nada diz.

Ficamos sempre alarmados com a notícia internacional do grande número de crianças que morrem à fome e da falta ou deficiência da habitação para numerosas famílias.

SE a Sociedade Humana do nosso tempo desse valor ao Homem, o valor que ele tem, os mais ricos aceitassem com alegria não aumentar tanto a sua riqueza, os mais industrializados não explorassem a mão-de-obra barata e dividissem os lucros pelos seus trabalhadores e pagassem o salário justo, todos teriam pão, habitação e modos de vida e teríamos a alegria de fazer uma sociedade feliz e fraterna.

Padre Horácio



Nestas ruínas já viveram os avós. Agora, os netos. E um casal com seis filhos.

## PENSAMENTO

Só a Família tem o poder de regenerar.

PAI AMÉRICO

O noticiário deu grande relevo às migalhas que o grupo dos sete países mais industrializados deu a perdoar ao Terceiro Mundo um quarto da dívida externa. Foi uma acção de louvar, mas... uma enorme fatia da

Continuação da página 1

Diocese, fez-se mais presente em mim a superabundância de Pobres e de Misericórdias com direito ao seu serviço. Olhei, também, para mim e pensei do mesmo modo: este povo tem razão em pedir muito, em pedir-nos tudo o que somos capazes de dar — porque não tem nada.

Oíço o barulho do tractor e grande alarido, enquanto vou escrevendo estas notas. Levanto-me e vejo um grupo de rapazes com pás

# Benguela

nas mãos, a caminho do rio seco, nesta altura do ano, em busca de areia para um campo polivalente, em construção. A alegria deles é impressionante. Também estes assuntos fazem parte da nossa vida. São cento e quarenta rapazes. Se não lhes dermos espaços para se ocuparem sadicamente nos seus tempos livres, bem mal vamos. Por isso, pomos

mãos à obra, com as mãos deles, também.

Os rapazes, sobretudo os mais velhos, os que já pensam a sério no seu futuro, sofrem, neste momento, grandes interrogações. Ontem, à noite, dois deles quiseram falar-me. A idade da vida militar está sobre eles. São um fruto da guerra. Não tiveram tempo de acabar os seus cursos.

— *Que fazer?*, perguntaram. Neste momento, sinto, como nunca, o peso da minha responsabilidade. Tenho que falar-lhes à inteligência e ao coração para não ficarem vazios de alguma certeza. É um momento crucial para a vida destes filhos. O meu problema é o de tantos e tantos pais que se vêem em circunstâncias idênticas. E o de tantos filhos, de igual modo. Mas temos que olhar para a frente.

Padre Manuel António



Monda no batatal de Benguela

## ENCONTROS em Lisboa

**H**Á, no Evangelho, uma parábola que me deixa sempre intrigado: É a parábola do trigo e do joio aplicada ao Reino de Deus. Diz o Senhor que foi semeada boa semente... Depois apareceu também o joio. Compreende-se a atitude dos criados que, pressurosos, querem imediatamente arrancar a erva daninha. Também se compreende a sabedoria do dono da seara: «Deixai que ambos cresçam juntamente até à ceifa».

Eu diria que teoricamente esta posição é muito agradável e correcta. Diria mesmo que a sua sabedoria é uma novi-

# O trigo e o joio

dade face à nossa forma primária de pensar e de reagir. Com efeito, nós gostamos de navegar em águas claras, em que tudo esteja convenientemente separado: bons para um lado, maus para o outro; a verdade totalmente separada da mentira; justiça aqui, injustiça ali, etc. Temos muitas dificuldades em deixar crescer as duas plantas juntas.

Quando passamos da teoria à prática o encanto que a novidade evangélica nos traz como que se esvai e, então, ficamos com um mundo de interrogações. Por exemplo: Qual o campo de aplicação da parábola? Dirá respeito à Igreja? Dirá respeito ao nosso mundo? Dirá respeito a cada um de nós? Creio que em todos estes campos estará a crescer o Reino de Deus e a boa semente foi lançada à terra.

Começemos pelo primeiro campo, a Igreja. Todos nós aprendemos que ela é santa e que é chamada à santidade em todos os seus membros. Acontece, porém, que nos seus membros e, por seu intermédio, também nas suas estruturas, se introduz o mal que corrói e desgasta. Até onde será possível a convivência e quando será a altura da ceifa?

E o mundo em que vivemos? Hoje estamos todos os dias em contacto com todo o mundo e constitui matéria principal de informação o que vai mal. É todo o deflagrar de conflitos com o seu cortejo de vítimas inocentes, o abuso de poder por parte dos poderosos, as irresponsabilidades sociais, a exploração, as injustiças... Também é verdade que, por outro lado, sem direito a grandes letras nos jornais, se encontra a boa semente a germinar e a crescer nos múltiplos exemplos da fraternidade, de abnegação, de dedicação aos Outros. Continuam, no entanto, as interrogações: Até que ponto os inocentes irão sempre suportar o mal, tentando transformar a sociedade, sem utilizarem também as armas do mal. Até onde pode ir a tolerância?

Finalmente, um campo que diz respeito a todos nós porque se trata da nossa vida, mas que diz, de uma maneira especial, respeito a quem tem a responsabilidade da educação. Todos conhecemos a experiência das dicotomias íntimas de desejar o bem e fazermos o mal e sabemos como isso faz parte de nós a ponto de, se queremos gostar de nós, termos de nos aceitar com tudo o que temos. A experiência diz-nos também quantas lutas inglórias travamos e, dia após dia, vamo-nos rendendo à evidência de ver crescer o trigo e o joio em nós próprios. Quando chegar o momento da ceifa, algum trigo terá vingado?

Ao tratar-se da questão da educação, todos sabemos a dificuldade que é, na fase de crescimento, fazer a separação do trigo e do joio. Quem está em situações como as nossas, conhece também a experiência dolorosa de ver crescer crianças e jovens que, até determinada idade, pareciam

# O Ano Escolar

Continuação da página 1

das pessoas. *Ter* é a química para que todos os *marketing's* apontam. Eu chamo-lhe uma filosofia de deseducação global e uma ofensiva concertada contra a qual a Escola que temos não tem forças bastantes. Nem a Família!

Com prolixos discursos em contrário, me parece que, realmente, vivemos um tempo de desumanização progressiva.

Nunca a Cultura foi tão falada nem tão passeada na pessoa dos seus mais altos responsáveis. Eventos e mais eventos, muitos de alto preço! Mas onde está a cultura do nosso Povo? Para onde caminha a cultura da nossa juventude? Constroem-se bibliotecas; recriam-se espaços para espectáculos e exhibições de variadas artes; multiplicam-se pelo País em fora as Casas de Cultura. Tudo bem, menos,

certamente, a metodologia. É que a Cultura, como tudo o que se quer vivo, verdadeiro, tem de crescer de dentro para fora, de baixo para cima — e é ao contrário que está a acontecer. Cada vez mais os níveis do conhecimento e do gosto rastejam por modelos *standardizados*. Cada vez menos se sente a sedução pelo exercício do pensamento e pelo alcance de critérios pessoais de julgamento.

A banalidade, a chateza, para não falar, hoje, em grosseria, são os condimentos do caldo de cultura em que subvive a nossa juventude.

Por isso um razoável sucesso que os números podem querer exprimir nem ilude nem satisfaz profundamente. Só uma Escola Nova, fatora de uma Sociedade Nova e imune de ser esmagada por ela!

Padre Carlos

## DOCTRINA



Começa a revolução...

**E**SCREVO esta local da Casa do Gaiato de Coimbra onde vim buscar três garotos para a de Paço de Sousa e uma governanta. São eles o João Maria (Lousã), o Júlio Mendes (Elvas) e o Pires (Coimbra). São mais três *pais*. Brevemente, chega das ruas do Porto o primeiro *selvagem* que num instante se torna bom, no convívio destes homens bons. Enquanto escrevo, sou interrompido pelo pequeno que pede uvas: — *Um cachito, Pai Américo*. Pedir o que é deles — máxima urbanidade! Imediatamente os atendo, tirando um bago ao cacho que lhes dou para compartilhar na alegria.

**N**A pequenina capela do Forte de Santa Catarina, na Figueira da Foz — onde tenho púlpito armado dos mais anos — preguei Deus desconhecido ao novo paganismo que invade hoje as nossas igrejas e chega até junto dos nossos altares a proclamar amor e a dizer que tem fé..., mas Deus não acredita: a careta não diz com a letra!

**É** impossível que não tenha dobrado valor a esmola que eu sou obrigado a pedir a esta pobre gente, tanta a repugnância que eu sinto em fazê-lo! Antes queria que me dessem abnegação, sobriedade, respeito, sacrifício — e, assim, mais eficazmente me ajudavam a confortar o Pobre.

**D**ERAM-ME no peditório um fio de ouro, uma pulseira idem e dois mil ditos e mais quinhentos que alguém entregou e mais cinquenta idem. No comboio, idêntica quantia. Em uma igreja do Porto, alguém segreda se eu sou o Padre Américo e deixa vinte; e, fora, outro alguém faz a mesma pergunta com sessenta. Começa a revolução! Os combatentes vêm rasteirinhos lançar as esmolas no meu regaço, como se fora em caixa de almas dentro dos templos sagrados. São soldados de Cristo! No depósito dos Clérigos, que também é caixa de almas, alguém deixa ficar uma cama de madeira, dois colchões, dois lençóis, uma coberta, dois travesseiros «em snfrágio de Joaquim». Mais dez. Mais, de Chaves, vinte. Mais, de Ermesinde, uma cama de ferro. E mais nada.

**O**S meus olhos apaixonados já viram colocar a derradeira pedra em algumas casas de Paço de Sousa. A telha espera-se a cada momento. Tenho dado voltas sem fim para conseguir da C.P. o material rolante. Não fazias nada de mais se também dessem uma volta e, com ela, os vinte e quatro contos. Já aqui se falou no caso, mas sem um toque da Graça ninguém atende. Feliz de quem ouvir!

**T**EMOS à porta instalações eléctricas e sanitárias, condução de água de dois quilómetros, o saneamento. Temos alfaias agrícolas, gado para lavrar as terras, vacas leiteiras para tanta criança que nunca mais saboreou leite depois do peito das mães! E algumas, nem então! Vem lá um pequenito de Tramagal, topado com os lábios colados ao peito da mãe — e esta já morta! Acode-me, oh Porto!

*D. Américo*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol. — Campanha de 1943 a 1944)

cheios de boa semente, mas, de um momento para o outro, começa a aparecer o joio semeado em tenra idade. Como fazer nesse momento? Deixar tudo crescer? Mas o mal toma conta e quem está a apreciar tem tendência a só ver o mal. Que fazer? Sente-se no miúdo o desespero e nós olhamos para o futuro e não vemos promessas. Deixar tudo crescer? Por quanto tempo? Quais os limites?

O trigo e o joio... Que o Espírito de Deus desça sobre nós e nos dê a sabedoria que só Ele pode dar.

Padre Manuel Cristóvão